

Ingrid Valencia

ESCURA-ME

POESIA



*III Prémio Internacional de Poesia
'Pilar Fernández Labrador', Salamanca*



HEBEL

Ingrid Valencia

ESCURA-ME
POESIA

HEBEL

Ingrid Valencia

ESCURA-ME

P O E S I A

*III Prémio Internacional de Poesia
'Pilar Fernández Labrador', Salamanca*

Preâmbulo
JOSÉ EDUARDO DEGRAZIA

Tradução
LEONAM CUNHA

Pinturas
MIGUEL ELÍAS



HEBEL ediciones

Bajo Cuerda | Poesía

ESCURA-ME | POESIA
© Ingrid Valencia, 2016.

Traducción: Leonam Cunha

© HEBEL Ediciones
Colección Bajo Cuerda | Poesía
Poñén, Concepción, Chile, 2016.
www.issuu.com/hebel.ediciones

Diseño y collage: Luis Cruz-Villalobos
www.benditapoesia.webs.com

Pinturas de portada e interior: Miguel Elías
Fotografía de Ingrid Valencia: Benjamín Anaya

Qué es HEBEL. Es un sello editorial sin fines de lucro. Término hebreo que denota lo efímero, lo vano, lo pasajero, soplo leve que parte veloz. Así, este sello quiere ser un gesto de frágil permanencia de las palabras, en ediciones siempre preliminares, que se lanzan por el espacio y tiempo para hacer bien o simplemente para inquietar la vida, que siempre está en permanente devenir, en especial la de este "humus que mira el cielo".



III PRÉMIO INTERNACIONAL DE POESIA 'PILAR FERNÁNDEZ LABRADOR'

Um júri, composto por António Salvado, Carmen Ruiz Barrionuevo, Jesús Fonseca, Alfredo Pérez Alencart, Carlos Aganzo, José María Muñoz Quirós, Julián Barrera Prieto e Inmaculada Guadalupe Salas, atribuiu este Prémio –exaequo– em Salamanca, a 1 de Abril de 2016, à poeta mexicana Ingrid Valencia pelo seu livro "Oscúrame"; e ao poeta espanhol José Pulido, pelo seu livro "Metáforas del corazón", entre os trinta trabalhos seleccionados como finalistas, dos quatrocentos e sessenta e cinco concorrentes. O Prémio, de periodicidade anual, é instituído pela Associação para a Igualdade das Mulheres, em colaboração com a Sociedade de Estudos Humanísticos de Salamanca (Selih) e a Deputação Provincial de Salamanca.

Preâmbulo

A POESIA ESCURA DE INGRID VALENCIA

Cuántos versos te revelaron un mundo
Marco Antonio Campos

O poeta mexicano Marco Antonio Campos mostra muito bem, num dos seus poemas, “Los poetas modernos”, a tendência ao confrontamento de grupos estéticos e políticos nas escolas e gerações que se sucedem – não importa que em cada uma delas existam grandes poetas. É só lembrar o escândalo que causou a *Antología de la poesía mexicana moderna*, de Jorge Cuesta, de 1928. Os mexicanos, neste sentido, são muito próximos dos brasileiros nos seus choques e confrontamentos do Modernismo de 1922, da Geração de 45, do Concretismo, do Tropicalismo e Poesia Marginal dos anos 70 e 80. Fica bem claro que cada geração tem a obrigação, mesmo que inconsciente, de romper com o hábito, com o padronizado, com o estabelecido. Mas o que fica de tudo isto, desta luta de tintas, de palavras, de metáforas, de imaginários, de páginas e telas em branco, imaculadas? Fica a poesia. Leiam com atenção o poeta Marco Antonio Campos e vocês me darão razão.

Mas onde fica, onde se enquadra Ingrid Valencia no turbilhão da poesia mexicana e hispano-americana contemporânea? Qual o seu lugar na voragem das Musas? Não pretendo aqui, e nem mesmo me compete, fazer um extenso painel da poesia do México atual onde introduzir a poesia de Ingrid. Porque, penso eu, sua poesia é um caso solitário, digno de nota por sua radicalidade e opção pela opacidade da linguagem. Sua poesia tem um carácter ao mesmo tempo ligado à “tradição” por não se permitir experimentos vanguardistas, mas de

também ser ligada à inovação pela procura de inserir em sua poesia um árduo trabalho de linguagem onde a metáfora se encontra oculta em meio de enumerações aparentemente caóticas, a descrições sombrias de realidades íntimas e externas. Forma e conteúdo parecem não dar ao leitor um momento de pausa para respirar. Mas, no meio da floresta fechada, de repente, se abre uma clareira – como a entendia Heidegger – e aparece o céu que pulsa com toda sua intensidade por cima das copas mais altas das árvores. Só assim, podemos então respirar profundamente, e nos desvelarmos.

No poema VII de “Sete cantos a Paul Celan” a poetisa Ingrid mostra sua intenção de escritora e poeta de escrever por dentro, como se ergue uma casa humanizada, não só paredes, ou formas:

*Escrevo como que vem
de uma casa habitada,
cheia de ferozes mãos,
aberta como o fogo,
acesas como margens.*

Esta poesia não se encontra num lugar fora do mundo, tem suas sensações plantadas no seu país natal de vulcões e terremotos, de imagens míticas de antigas dinastias indígenas, lugar onde a paisagem externa e interna faz a poesia ver com olhos de quem “volta às ruelas do assombro”:

*Este é o vulcão
este são os olhos do meu país,
os corpos dos meninos
oferecidos à água
como pedras ardentes. (...)*

No poema “Despedida” o Eu lírico se vê diante da vida como um emaranhado de corpos e símbolos à espera do entendimento no tempo:

*Dissemos que o tempo
voltaria a enredar as palavras
que cresceriam outras peles,
que adoraríamos a carne,
que acenderíamos a língua.*

No poema "Os dias" há uma procura de esclarecer ao leitor a paisagem onde o poeta transita. É uma cidade, qualquer cidade, um tempo, qualquer tempo? A poetisa Ingrid vê o que a envolve, mas não se concilia com a realidade que se mostra dúbia, que atrai e expulsa:

*Vejo a poeira, os dias,
as moedas, os rostos.
Reconheço a chuva
nesta cidade aberta,
nesta ponte gris,
neste andar
dos que perdem
o corpo entre cinzas (...)*

Está, no entanto, "Grudada ao silêncio/das árvores/quando embalam a noite." O silêncio diz muito quando é a forma de encontrar a paz interior diante da realidade hostil.

No poema "Fonte alambrada", o Eu lírico procura o seu transbordamento – se é que se pode falar isto diante de uma poética tão contida – entre horizontes fechados:

*Meus olhos se abrem entre grades,
arde-me o amanhecer tingido de vermelho,
permaneço nas frestas,
no fulgor de se doer
pelos dias sem vagueza. (...)*

As palavras e as coisas se articulam na voz que enumera, que procura fazer uma lista classificatória diante do caos e da noite.

Enunciamos e classificamos para entender o que nos leva o tempo e a morte:

A noite de todos

*São nossas as palavras
que abandonamos,
nossos, os astros
que nos aproximam
ao lodo, à cruz, ao círculo,
a corrente de humanos
que gritam e cantam.
São as sendas de ontem,
as de amanhã,
as folhas das árvores,
o vento, as bocas, a roda,
a cadeira, a escada,
o balanço e os olhos.
São nossas as linguagens
que esquecemos os enterros.
Assim vamos cheios de objetos,
de costuras, de mãos dedicadas
até o último dia,
a noite de todos.*

E a autora se constrói nesta paisagem fluida que desfaz as coisas e os seres – a infância, a juventude perdidas?:

A água vai

*Chove a casa, chovem as pontes, chove.
Corro para baixo da chuva para salvar-me de
mim,
do que é imóvel, e da voz que arde entre os
papéis.*

Em "Espelhos", Ingrid Valencia experimenta a introspecção para descobrir-se por trás das intenções, dos hábitos, dos outros. Ali se encontra o núcleo mais íntimo do ser:

*Não conheci meu rosto
até que se fundisse ao lodo
e sacudisse os olhos fumegantes,
com o falso peso alado
de moscas e vidros.*

*Não conheci meu rosto
até que o vencesse por trás de mim
com a unção do hábito
de esperar os extremos
dos outros.*

Aqui se coloca uma outra linha de interpretação: quem seriam estes outros contra quem este Eu se confronta? Esta luta contra si mesma e contra estes de fora de si mesma forja o próprio cerne do fazer poético da autora. O outro não se permite sentir-se dentro do que a linguagem inaugura. Insegura diante do que cria em meio ao caos, diz-nos no poema "Deveres": "Devo fechar as portas ao que nomeio." Como se não pudesse manter os olhos abertos diante de tanta luz, de tal intensidade. É a própria autora que diz, fechando toda a possibilidade do encontro, no poema "O tato": "O olhar é uma jaula/o olhar é uma rocha./Os olhos são os trens." Pelo menos aqui existe a possibilidade da partida, da viagem, a possibilidade de novos mundos para descobrir.

A chave desta poesia que se quer fechada em si mesma, voltada para os escombros de uma realidade interior que se modifica na paisagem e no tempo, talvez possa ser encontrada no poema "Enxames", onde a procura da luz é mais do que a entrega à escuridão: "Vou acesa de coisas/de lugares

interiores." Estes lugares interiores resistem e se fazem linguagem e poesia, e nos salvam na permanência da palavra.

Há nesta poesia densa, dura, que luta dentro de si mesma como um redemoinho de metáforas de pedra e carne, uma aposta na vida que se revela em instantes luminosos dentro das trevas profundas. Esta poesia o leitor deverá colher como o mineiro arrebata a pepita em sua bateia quando a mergulha no riacho (linguagem). O fino fio de metal precioso (o verso) pode ser de ouro.

JOSÉ EDUARDO DEGRAZIA
Porto Alegre, Brasil

ESCURA-ME

O título original, *Oscúra-me*, resulta da fusão de duas palavras, quais sejam: "escurece-me" e "cura-me". (N. T.)

*I got my mind out in the street.
What's going on behind the door.*

Walter Corona

DA QUEDA

Não é o tremor, mas a ferida
a que afunda seus olhos
sob a água da noite
e entrega uma voz incandescente
aos subúrbios da língua.

São as engrenagens do tempo
as que vão polindo nosso passo
por uma vida repleta
de rios que se cruzam.

É a mudez do espetáculo
uma forma de falar,
de dar os dias ao outro.

Não é a carne, mas a destruição,
o leve som das máquinas
que forma círculos na praça do corpo.

Nada somos senão pálpebras
que se abrem à noite,
ao ruído interminável
da urgência.

PRELÚDIO

Começo a observar o pavilhão da loucura
recordo o instante do aplauso,
a cúspide do toque onde o peso da carne
é a pressa e a imagem se aferra ao desgaste,
ao barulho das mãos.
Acreditei na espuma, no ardor do atrito.
Começo a observar
os sinais adiante, os semáforos, o bafo,
a nostalgia brotada nos corpos matinais,
já amontoados como rochas
ao centro de uma praça milenária
onde flutuam as folhas da árvore
e a vida cresce a pedaços. Começo
a mover os bancos de lugar,
os quadros de uma tarde vencida
pela indiscreta boca que se rompe
junto a objetos trazidos da guerra.
Escrevo o som do meu nome
com as úmidas vogais de uma fonte.
Os precipícios se enchem de pó.
As palavras não servem para tocar os olhos.
Talvez iluminem o rosto que se afasta.
As asas de um pássaro morto jazem
na água podre do esquecimento.
Começo a observar as ondas circulares,
a reprodução de sua queda,
o naufrágio do seu canto.
Poderia expulsar a voz,
impedir a triste proliferação das aves
que riscam o céu, deformar
a trajetória, introduzir um voo,
ostentar o baile submarino

de um adeus que anuncie
o fulgor de um amanhecer
sobre varandas e fios elétricos.
Começo, sim, a observar-me,
a lembrar a dança, a palpitação,
o frágil desequilíbrio
para abrir passagem
por dentro da pele,
e até mesmo na multidão
das aves que morrem
toda noite enquanto respiro

SETE CANTOS A PAUL CELAN

A água cai
com sua impureza
mais bela

I

É de vidro um eco.
É a praia um jardim
de peles plásticas
inclinadas como pontes,
como um quarto
cheio de mãos ferozes
abertas como o fogo,
acesas como margens
que deixaram sua marca,
sua respiração fracassada
no rebentar da luz.

II

Como um quarto
cheio de ferozes olhos
com urgência de ver
um infinito na pele,
é de vidro um eco,
são de pedra as vozes
que o tempo arremessa
com seus tons circulares,
com sua frieza de aço,
com suas rodas vencidas,
com seus dominantes passos
ouvidos na noite
durante a vigília.

III

Algo rompe o longínquo,
como um medicamento
que adormece a calma.
O vai-e-vem dos insetos
dá trégua à areia,
com a poeira enterrada
nas esquinas do ontem.
O eco é translúcido,
é ardor no indizível,
é atropelo em zigue-zague
como a chuva inócuia
que molha a enfermidade,
como uma pegada negra
ao fundo das trilhas,
como um espelho já azul
atrás de uma arma fria
submersa no vento.

IV

Chego dos ecos cinzas,
dos corredores de cristal,
de um mundo ao avesso
de uma folha de uma árvore
que se agita e morde
o barulho das risadas,
das lágrimas já secas
pela tarde que avança
até as palavras rotas
também quebradas em eco,
em pó que ingere
os sóis da infância
os sóis da umidade.

V

Respiro como se entrar
já fosse adequado,
fumo a prisão noturna
de um agitado cais
ancorado na dicção
da água que me suaviza
as formas de repetir-me.
Convivo com a manobra
de abrir e fechar frascos
de abrir e fechar dias,
de bebê-los à procura de mim,
de um rosto com pregas e ânsia.
Esqueço-me de segurar a voz,
desperdiço as horas
em uma rotunda fuga
até o bosque dos nomes
que me dividem em sombra.

VI

Assim é o eco, a paz,
um pressentir das peles,
as olheiras, os cabelos,
a pupila amniótica,
o desejo da mão
que toca o que já foi perdido,
o escurecido para a vista.
É de vidro um eco
que empurra o amanhecer,
que inunda o vale verde
e rochoso da espera,
como gotas invasivas

que sobem pelas paredes,
que trazem um coro frágil
de anos
na língua.

VII

Escrevo como quem vem
de uma casa habitada,
cheia de ferozes mãos,
abertas como o fogo,
acesas como margens.

IZTACCÍHUATL

Este é o vulcão
sobre uma tela arborizada.
Este é o mesmo céu
que abriga a dança.
Esta é a névoa
que cobre o bosque.
Estes são os olhos de meus pais.
Os corpos dos meninos
oferecidos à água
como pedras ardentes.
Esta é a ascensão à montanha,
a leveza dos passos
que doem
entre troncos altíssimos.
Este é o sol suspenso
entre as colunas.
Esta é a lentidão
da terra úmida
que se estende.
Esta é a noite
que mancha
um corpo envelhecido.
Carrego as veredas da pele,
a fragilidade de suas pontes,
o esquecimento e a derrota.
Esta é a vida, uma tarde
que se dobra e percorre
o temor, a súplica
de retornar, mais um dia,
às ruelas do assombro.

PRATELEIRAS COM FRASCOS

Crer nas horas que se reúnem
como a relva recém cortada
abrir os laços que atam
o ruído da espera,
contar os frascos,
medir o líquido som
que vai caindo
junto aos rostos
que se desvanecem,
que se mesclam,
que alimentam
os diáfanos gritos
da perda.

DESPEDIDA

Lançamo-nos ao céu
dos que esquecem.
De lá, as árvores
nos indicam, nos movem
dentro do vai-e-vem
de folhas que caem.
O sol não foi exceção.
Alumbrava-nos
com seus raios rochosos
enquanto escondíamos as bocas
para não as ver jamais
e juntávamos as mãos
para fazê-las crescer como espuma.
Dissemos que o tempo
voltaria a enredar as palavras,
que cresceriam outras peles,
que adoraríamos a carne,
que acenderíamos a língua.
Não chegou a hora do regresso.
Vagamos pelos cômodos,
esperamos o fim do inverno
para tocar o fio das pegadas
que trepidam, que se apagam,
sob as nuvens, sob o rosto.
Sentamo-nos em meio ao estrondo,
do que faliu,
para observar as fendas
que se agigantam,
que se cruzam e se fundem
como adagas de um paraíso cinza
onde a oração é abundante
– a entrada

é uma passagem movediça
que nos distancia do que se foi,
do que fizemos.

Os espectros do fumo
invadem a casa.

Não sei como olhar
as linhas que desenham a umidade
sem sentir o frio,
sem escutar os passos
da monotonia,
sem avançar com eles
para a tarde.

O abalo apaga os sons.

Esta é a música, caso se afugente.

HEI DE COLOCAR UM DEDO NA CICATRIZ QUE GIRA...

Hei de colocar um dedo na cicatriz que gira
–e também avança –
junto com as cidades
que se quebram e se afundam.

Suspeito que nasci
em um tempo que se vai,
que me leva às margens,
aos limites da aurora,
da máquina dançante

onde sou junto com outros
um corpo a mais que tira,
que envolve a manhã
com sua fúria inútil.

O olhar se perde:
convivo com estes olhos,
carrego-os, alimento-os
com mensagens, com anúncios.

Esta é uma forma de começar,
de estirar uma pergunta
sobre a rua,
de respirar, de envelhecer,
de sair, de trazer da noite
uma antiga pedra
que quebre as vitrines
e ofereça o rugoso império
do que se acabou.

OS DIAS

I

Vejo a poeira, os dias,
a jaula das ruas,
as moedas, os rostos.
Reconheço a chuva
nesta cidade aberta,
nesta ponte gris,
neste andar
dos que perdem
o corpo entre cinzas.
Estou onde se agita o vento
e escuto a distância,
os passos do povo,
a infância no meio de uma praça
no meio de uma caixa,
de uma carta com meu nome.

II

Estou grudada ao silêncio
das árvores
quando embalam a noite.
Caminho entre olhos
que se fecham,
que regressam,
que habitam as zonas
espectrais de um berço,
As imagens brotam
Os olhos se iluminam de horror.
Olhos que esquecem.

Olhos que negam
a projeção das sombras,
de troncos esbeltos
ao fundo de um cenário,
de um corredor,
dos desgastados anos
que se prolongam.

III

Olhos que se detêm
na fenda, no colo
das tardes.
Olhos que enterram
as luzes, as marcas
os vazios, a carne.
Eu os vejo na poeira,
nos dias,
na jaula das ruas
e escuto os sons,
o começo do trajeto,
o futuro da cidade
dentro de fontes mofadas.
São os olhos, são as peles
o espetáculo, o triunfo
de aproximar a luz,
o olhar que toca
inclusive o que não existe,
aquilo que desaparece.

GALERIA

Já não sigo adiante
mesmo avançando
o outro retorna

O que deixa estático
o vislumbre anterior.

DEMASIADO HUMANO

Não é o extermínio do tato
o que soa dentro da boca,
mas a mentira nas mãos
e a revolução dos insetos.

São as marcas que atravessam
o solo das retinas
que se molham com a chuva,
que se perdem pelas ruas.

São os espaços circulares
um pretexto de rochas lançadas.

Sou eu no matagal,
no rosto humano
que cega e rompe
as cidades, os leitos,
o entardecer dos olhos
quando rebrilham.

ENTRE ROSTOS

Nego ser o que já se vai
vencido, já dentro
de uma casa amarela
plena de fendas e gentes,
de ruído noturno.

A FONTE ALAMBRADA

Existe uma fonte alambrada
nas flores de asma,
nos corredores entre esquinas.

Os vidros da mão seguinte
brilham feito azulíssimo marisco
trazido do mar da pausa.

Meus olhos se abrem entre grades,
arde-me o amanhecer tingido de vermelho,
permaneço nas frestas,
no fulgor de se doer
pelos dias de vagueza.
A fonte alambrada do corpo
acende a água dos vértices,
entoa o salgado precipício
das horas que se vão.

A NOITE DE TODOS

São nossas as palavras
que abandonamos,
nossos, os astros
que nos aproximam
ao lodo, à cruz, ao círculo,
a corrente de humanos
que gritam e cantam.
São as sendas de ontem,
as de amanhã,
as folhas das árvores,
o vento, as bocas, a roda,
a cadeira, a escada,
o balanço e os olhos.
São nossas as linguagens
que esquecemos, os enterros.
Assim vamos cheios de objetos,
de costuras, de mãos dedicadas
até o último dia,
a noite de todos.

SOU

Sou a rocha lançada
várias horas atrás
à margem da rua,

da cidade negra
que me nomeia.

UMA TARDE

Estou no trapézio das seis,
cheira a folhas que se agitam.

As vozes se despedem
entre o fumo do tabaco

baixam ao subsolo
de um relógio que treme
por trás das árvores.

O assobio é um beijo,
um correr quieto
até o outro lado

onde com pressa avançam
as ausências.

ABERTURA

Mordo os cadernos do dia,
arranco as letras do relógio,

perco-me nas mãos,
e na água que me cobre,
nas pessoas que recordam,

nas palavras que abrem
as cinzentas pétalas da noite.

AS FLORES MORTAS DA INSÔNIA

As flores mortas da insônia
rangem junto à mão de um pianista,
que entrelaça os líquidos mais fugazes,

diáfanos no sopro, na água
das chaves que abrem
os corpos da voz.

As flores mortas da insônia
me sabem a Bach,
ao sal e à cinza,
a pontes penduradas,
a contrapontos solares.

A ÁGUA VAI

Chove a casa, chovem as pontes, chove.
Corro para baixo da chuva para salvar-me de
mim,
do que é imóvel, e da voz que arde entre os
papéis.

LINGUAGENS

Essas línguas que dominam
o eclipse, os vitrais
de um pescoço gótico

são a ponte
para a madrugada.

Dou duas voltas
para acreditar no retorno,
nas vozes,
no intermédio.

Sou espectador
de uma *bulería*
que apequena
a noite.

Essas línguas fixam o que está próximo,
a entrada da cova dos apontamentos
e pentagramas.

As mãos acordam,
e eu afago o olho, a saliva,
seus rostos.

NINHO

A acesa cascata,
um cavalo branco trotando,
os passos do zelador,
os dedos nas cordas,
o contraponto.

Uma plêiade, um teto,
uns tons que começam
a repartir os golpes
do inevitável,
os sapatos úmidos,
da cadênciaria, da espiga,
da cidade do fumo,
dos graves e agudos,
no salão do busto.

Um acorde maior
incita as mãos
a cruzarem-se,

a sair
de onde crescem
os pássaros.

A POESIA

As ressonâncias entregam
um cômodo de espectros
que negam a fuga
em sua carapaça cega,
em sua jaula de sussurros. Vêm
as portas com sua gargalhada
de abutres que domesticam
os pássaros até destruir
a respiração, a poesia.

NASCIMENTO

Os ecos se misturam
às vozes, à pedra
despencada.

Porém no pó,
as luzes se abrem
e rendo-me à origem.

POSSO DIZER QUE AINDA ESTOU...

Posso dizer que ainda estou
plena de saliva, na ronda
com minha melhor torpeza,
esperando por mim.

ESPELHOS

Não conheci meu rosto
até que o fundisse ao lodo

e sacudisse os olhos fumegantes,

com o falso peso alado
de moscas e vidros.

Não conheci meu rosto
até que o vencesse por trás de mim
com a unção do hábito
de esperar os extremos

dos outros.

DIZER QUE SIM

Não é fácil dizer que sim,
fechar os punhos da manhã
e romper as palavras que caem
uma por uma como gotas.

Não é fácil perfurar a lentidão,
e permanecer.

NÃO SEI SE SOU MAIS OU MENOS EU

Não sei se sou mais ou menos eu
quando tremo pela tarde
e me encrudesço,

se digo mais ou menos
meu nome somente uma vez

ou quando as pisadas são ecos.

Não sei se é mais branco
o ar ou o lençol,
agora que infecto
os olhos com raridades.

Se disser que venho ou volto
de mínimos caprichos

ou que eu tive tudo

de infortúnio.

DEVERES

Devo dizer que não creio nos dias de sol
que mancham os dentes com espuma.

Devo fechar a porta ao que nomeio.
Dançar sedenta enquanto sorvo
as acres pontes da manhã.

PSICOSE

A voz carrega o ritmo dos dedos quando tremem,
o sigilo é sério como um quarto povoado de
moscas.

Vejo-me partir dos meus outros nomes em direção
à esquina
onde flutuam cadáveres de insetos.

Minha sombra tem o ritmo de um motor
que acende de preto as esperas mais ruidosas.

FAZER SEU CAMINHO

Caminhar e deixar-se cair como um assassino no
asfalto,
na grade que encadeia os minutos.
Sair correndo por uma relva vermelha cheia de
espinhos,
de pétalas púrpuras.

Contar a história da epilepsia noturna
que inflama a boca com seu cosmos de alumínio.
Sair, dos gritos, ileso; dos espelhos que me
engrandecem

As mãos sujeitam as flores mortas da insônia.

O DIA SEGUINTE

O dia seguinte se foi;
encontro a sala dos caolhos
que dançam a manobra circular da
extravagância.

Salivo as canções de lugares estranhos:
envenenam-me para dormir.
Mas o dia seguinte se foi.

Vejo um satélite, assinalo-o.
Eles me escutam cantar.

O CUBO É UM DARDO...

O cubo é um dardo,
é a rocha do regresso.

Hoje a língua do lápis
desenha nossos olhos
fechando-se.

O TATO

O olhar é uma jaula
com sede de habitações.

Não se encontra a carne,
as palavras, os galhos do corpo
que tocam a voz do outro.

As gentes vão com seus lábios,
com sua pressa nos costumes

até a ponte úmida
que os detém tão sozinhos,
tão ausentes de infância,
tão plenos de paisagem.

O olhar é uma jaula.
O olhar é uma rocha.
O olhar são os trens.

São as mãos que hão de molhar-se,
as mãos que se isolam
que crescem, que têm tocado.

AS ÁRVORES SE TORCEM

As árvores se torcem
sob o sol
intolerável, chuvoso.

Era o tempo que crescia.
Era à noite, era hoje.
Era este dia o maior.

O que chega com suas luvas
de látex, de transparência.

Converti em terraços,
em praias e cidades:

em um corredor
que se prolonga.

Apenas encontro
as seringas gastas
dos anos num pote,

na sala de cirurgia,
na higiene,
no cheiro de fármacos,

na carne que reivindica
um lugar para urgir a reabilitação.

Era a água que golpeava o rosto.
Era a doença.
Era espanto.

UMA PORTA

Uma porta é uma flor
que abre e reflete objetos.

Uma porta é o golpe,
o estrondo da voz
quando cala.

Sinto-me a imaginar
o outro lado do muro:

os ferrolhos, os caminhos,
as esquinas de gente,

os cartazes, o vai-e-vem.

Esqueço a máscara
que entra e sai da casa.

Refugio-me enquanto avanço
sob o telhado.

Minha casa é uma mão,
um punho que se fecha.

Vejo a flor que está caindo:
o dia, a noite.

ENXAMES

Vou acesa de coisas
de lugares interiores.

Os objetos do dia
estão sobre a mesa:

um vale rochoso,
uma caverna.

O frio molha
os enxames da pele.

Não há guarida, nem deus
nem lago no céu.

Somente uma árvore que mexe
o balanço da tarde.

ENTRE OS MEUS DEDOS

Aponto a cabeça até o zênite
como nos velhos tempos
quando desenhava o mar

e os limites minguavam
com o silêncio da tarde,
na invenção de um porto.

Entre os meus dedos,
uma e outra rua.

A infância é o limbo
que agrega o pó.

Na pedra celeste
fica a espuma de um grito.

RECONSTRUÇÃO

Alcancei uma mão
um olho
e confundi uma lágrima
Vinha de outro lugar
-ia a outro lugar-
não ao meu
não à ponte
nem ao tempo
senão à rocha
ao sal
ao erro
àquilo que chega

na fratura
sem réplica

e se ajusta
à agulha do tempo
do irrevogável.

OS TRILHOS DO CORPO

Suponhamos que seja certo. Um sai
de casa, vê faces
na ponte
ou na avenida. Alguém dorme no vagão
Um escuta. E todos vamos em segredo

signos queloides
charadas
que apressadamente atravessam a vista

Logo ardemos
entre entardeceres de alcatrão e traças

Os monólogos sobre os trilhos do corpo
deixam no seu passo um som que recai
nas ausências acumuladas
por alguma parte

O lugar ao qual chegarei
com o bolso cheio
e a mão vazia.

ARQUITETURA INVISÍVEL

Ler a linha do horizonte
Permanecer em seu rosto
alaranjado de azuis

Debilitar o código do
amarelo fugaz.

Nomear-nos na plenitude
de um incêndio.

Construir o oratório sobre as ruínas
romper a voz,
devolver o tremor às folhas.

Gritar que nos cresce a noite
e estamos sós.

CLEPSIDRA

I

As plantas dos meus pés
absorvem os gritos
de folhas secas
que o vento derruba.

Sei que desapareço,
ainda que a vitrina do ar me reflita
e a luz abrigue rostos em minha pele.

Estou na estrada contra a morte.
Não conheço um atalho até minha origem.

II

O inquilino dos meus ossos
perfura o sonho da árvore
até apodrecer suas raízes

Posso tocar sua respiração,
confundir-me com ela,
- e até crer que
sou
suas mãos em meu pescoço,

seus passos
são um relógio d'água
que me desborda.

III

Tocar teus lábios
sobre o espelho roto de água,
fazer minhas as cicatrizes
até que os homens intactos
se afastem.

DEPOIS DO MURO

Até que não haja dúvida
Ierás etiquetas e as pessoas te dirão
como encarar o espelho

O sabor do medo
caminha por tua garganta

Poderias esculpi-lo mas
as vozes sob tua pele
paralisam tua boca

Tua mãe não o sabe

Desde hoje
sempre será de noite.

ACÚSTICA

As minas estalam
onde o veneno
é palavra pendente.

A porta do meu país
é uma língua morta.

Esquivo o asco
e oculto o sulco sob a erva
do olhar.

Livre da voz
a noite é um muro
alterado pela acústica

de meus passos.

A VIDA ARTIFICIAL

*Uma lâmpada. Um copo. Uma garrafa
sem mais utilidade nem pertinência
além de estar ali, além de dar à consciência
um suporte casual. Mas não lhe marca...*

Severo Sarduy

Avança o pó
Melhor seria confundir a pedra com um pranto
acreditar que essa casa conservará as palavras, os
silêncios, cada
golpe e ferida
Apenas as sombras se dispersam

Uma casa é uma casa quando sussurra cada
objeto, quando canta
uma luz
quando alguém morre ao sair dela ou nela
Uma casa é um vazio que há de encher-se de
pretextos

Agora não há lugar que alcance
outros olhares estacionaram no ar
O asco carcome
lento
a passos intermitentes

O soro goteja
os peixes respiram
minha mãe respira

A vida percorre estreitos túneis de transparência
artificial
Ninguém quer entender que a pele é mais veloz
que a rua
Avança o pó. Avanço.

NÊMESIS

I

Pássaro cego que ronda o tanque vazio

Em teu corpo cifro o leve roçar
da nuvem precipitada pela chama

Desde a margem
reconstruo a paisagem

Rompo a janela
para morrer no limite
do sonoro golpe.

II

Algo se perde e se ganha

As mentiras criam fissuras
com prematura velhice

Um voltei à casa
para descobrir a rua
do pássaro

e o vi todo
em sua lâmpada cega.

A MORTE BRANCA

A noite de olhos suaves
arranca de um sonho a colmeia
onde arde o frio

Conheço o tremor do único e frágil
esse extravio cotidiano
de exalar a vida
em cada fração de morte

Estou só com todo o branco possível.

AMAPOLA

Ramas que acendem
o céu subterrâneo:

quatrocentos séculos e
as lagartas, ainda
- na sombra,

velam um sonho.

TRISTÃO

Havia de reconhecer
a morte no pulsar
de teu compasso monocorde

Escutar o segundo ato

Repetir o início uma e outra vez
e não se confiar.

GÁRGULA

Para cantar e
estender o esquecimento
no incêndio

quando é momento
de fechar os olhos e cair

duas vezes
com a dureza pontual
do abandono

suavizo o giro
do olhar
a partir de ti

e tu foges.

AMANTES

No idílio, eles
dilatam
a monótona manhã
libidinosa
o mel das vespas
já bélico
já ansiado
molha
esses lábios-dedos
obscenos
fugazes.

ÍNDICE

Preâmbulo	9
Da queda	19
Prelúdio	20
Sete cantos a Paul Celan	22
Iztaccíhuatl	26
Prateleiras com frascos	27
Despedida	28
<i>Hei de colocar um dedo...</i>	30
Os dias	31
Galeria	33
Demasiado humano	34
Entre rostos	35
A fonte alambrada	36
A noite de todos	37
Sou	38
Uma tarde	39
Abertura	40
As flores mortas da insônia	41
A água vai	42
Linguagens	43
Ninho	44
A poesia	45
Nascimento	46
<i>Posso dizer que ainda estou...</i>	47

Espelhos	48
Dizer que sim	49
Não sei se sou mais ou menos eu	50
Deveres	51
Psicose	52
Fazer seu camino	53
O dia seguinte	54
O cubo é um dardo...	55
O tato	56
As árvores se torcem	57
Uma porta	58
Enxames	59
Entre os meus dedos	60
Reconstrução	61
Os trilhos do corpo	62
Arquitetura invisível	63
Clepsidra	64
Depois do muro	66
Acústica	67
A vida artificial	68
Nêmesis	70
A morte branca	71
Amapola	72
Tristão	73
Gárgula	74
Amantes	75



Ingrid Valencia (Cidade do México, 1983), poeta e editora, é autora dos livros de poemas *La inacabable sombra* (Literaria editores, 2009), *De Nebra* (La Ceibita/Conaculta, 2013), *Taxidermia* (Ediciones el humo/Conaculta, 2015) e *One Ticket* (Tradução para o francês por Odelin Salmeron, La Grenouillère, Quebec, 2015). Sua obra aparece nas antologias *Diez y nota* (Secretaría de Cultura de Jalisco, 2010) *Anuario de poesía mexicana* (Fondo de Cultura Económica, 2006), entre outras.